



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Entre o Sertão e o Imaginário: O Sertão nas Obras de Vêio

TAYNÁ DA ROCHA FEITOSA

SÃO CRISTÓVÃO

2026

TAYNÁ DA ROCHA FEITOSA

Entre o Sertão e o Imaginário: O Sertão nas Obras de Vêio

Monografia apresentada no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do diploma.

Orientador: Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá.

SÃO CRISTÓVÃO

Agradecimentos

Chegar até aqui é a prova de que nenhum sonho se realiza sozinho. Este trabalho representa muito mais do que a conclusão de uma graduação; ele reúne anos de esforço, renúncias, aprendizados, encontros e pessoas que, de diferentes formas, caminharam ao meu lado. Por isso, antes de qualquer palavra, deixo registrada a minha mais profunda gratidão.

A Deus, agradeço por nunca ter soltado a minha mão. Houve dias em que o cansaço parecia maior que a esperança, em que o medo de não conseguir falou mais alto. Ainda assim, foi a fé que me sustentou, renovou minhas forças e me fez compreender que cada dificuldade fazia parte do caminho até este momento.

Minha família, não existem palavras capazes de traduzir a dimensão da minha gratidão. Obrigada por cada sacrifício silencioso, por cada incentivo, por acreditarem em mim mesmo quando tudo parecia incerto. Vocês me ensinaram que o estudo transforma vidas e que a honestidade, o trabalho e a humildade sempre serão os maiores patrimônios que alguém pode possuir. Tudo o que conquistei carrega um pouco de vocês, porque foram vocês que me deram as bases para chegar até aqui.

Ao meu orientador Antônio Fernando de Araújo Sá, pela disponibilidade, paciência e pelas valiosas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa. Sua orientação foi essencial para a realização deste trabalho.

Aos meus avós, Aparecida e Dornival, expresso minha profunda gratidão pelo amor, pelo carinho, pelos ensinamentos e por todo o apoio ao longo da minha vida. Vocês sempre foram exemplos de força, dedicação e sabedoria, e cada palavra de incentivo contribuiu para que eu chegasse até aqui. À minha querida avó Eunice (in memoriam), dedico um agradecimento especial. Embora sua presença física já não esteja entre nós, seu amor, seus ensinamentos e as lembranças que deixou permanecem vivos em meu coração e me acompanham em cada conquista. Tenho certeza de que, de alguma forma, ela estaria feliz por este momento, esta vitória também é sua e carrega um pouco do seu legado.

Ao meu namorado Matheus, pelo carinho, paciência e incentivo constante, estando ao meu lado em todos os momentos desta jornada. Aos meus queridos amigos Helenny, Phelype, Bruno Gabriel e Elysa, obrigada por transformarem os corredores da universidade em um

lugar de amizade, acolhimento e boas lembranças. Entre trabalhos, provas, apresentações e tantas preocupações, vocês estiveram presentes para dividir os pesos e multiplicar as alegrias. Espero que a vida continue cruzando nossos caminhos, porque algumas amizades nascem para permanecer.

À minha madrinha, Bia, deixo um agradecimento que vem do coração. Obrigada por cada vez que me levou, me buscou e esteve disponível para facilitar a minha rotina, mesmo quando isso significava abrir mão do seu próprio tempo. Talvez esses trajetos parecessem simples, mas para mim eram demonstrações silenciosas de amor, cuidado e incentivo. Você nunca mediu esforços para que eu pudesse continuar seguindo em frente, e isso jamais será esquecido.

Aos meus amigos do estágio Ruan, Lays, Esterfany, Mirela e Cléo, obrigada pela parceria, pelas conversas, pelas risadas e por tornarem os dias mais leves. Compartilhar essa fase com vocês fez toda a diferença e me ensinou que o ambiente de trabalho também pode ser um espaço de amizade, apoio e crescimento.

Ao artista plástico Cícero Alves dos Santos, o Véio, expresso minha admiração e gratidão. Sua arte foi o ponto de partida para esta pesquisa e me permitiu enxergar o sertão para além dos estereótipos. Em suas obras encontrei memória, identidade, imaginação, resistência e beleza. Estudar sua produção foi também aprender a olhar o sertão com mais sensibilidade e compreender que ele é feito de muitas histórias, símbolos e afetos.

Por fim, agradeço à vida por todos os encontros que ela me proporcionou. Cada pessoa que passou pelo meu caminho deixou uma marca e contribuiu, de alguma forma, para que eu me tornasse quem sou hoje. Encerrar esta etapa significa olhar para trás com orgulho, reconhecer o quanto cresci e perceber que nenhuma conquista é individual.

A todos que fizeram parte da minha caminhada, o meu mais sincero e eterno obrigada.

Resumo

A presente monografia analisa a obra do artista popular sergipano Cícero Alves dos Santos, conhecido como Véio, destacando sua trajetória criativa e o modo como suas esculturas transformam o sertão em linguagem estética, memória coletiva e resistência cultural. Autodidata, Véio utiliza troncos descartados como matéria-prima, revelando personagens híbridos que transitam entre o humano e o mítico. Sua produção, nascida da simplicidade sertaneja, alcançou reconhecimento nacional e internacional sem perder o vínculo profundo com suas raízes.

O trabalho parte de uma metodologia qualitativa e interpretativa, que combina análise documental e estética. Como fonte primária, utiliza-se o livro *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* (2025), escrito por suas filhas Julia Katiene Pereira Santos e Katiúscia Pereira Santos, em diálogo com esculturas selecionadas. Essa articulação entre palavra e imagem permite compreender como as obras de Véio se afirmam como guardiãs da memória coletiva e como gesto de resistência cultural. Além disso, a pesquisa incorpora olhares críticos de estudiosos, curadores e registros audiovisuais, situando sua produção tanto no campo da arte popular quanto no da arte contemporânea.

A monografia organiza-se em três capítulos. O primeiro apresenta a biografia de Véio, sua relação com a madeira e a tensão entre humano e mítico em suas esculturas. O segundo discute diferentes interpretações sobre sua obra e sobre o sertão, evidenciando como sua arte é percebida em contextos locais e globais. O terceiro analisa o livro *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* em diálogo com obras específicas, explorando como felicidade, memória e resistência se entrelaçam em sua produção.

Conclui-se que Véio é mais do que um artista popular: é guardião da memória coletiva, criador de novas linguagens e espelho de sua comunidade. Sua arte, ao transformar restos em símbolos, reafirma que o sertão não é apenas espaço de escassez, mas território fértil de imaginação e de dignidade cultural.

Palavras-chave: Véio; Sertão; Memória coletiva; Resistência cultural; Madeira; Arte popular.

Abstract

This monograph analyzes the work of the popular artist from Sergipe, Cícero Alves dos Santos, known as Véio, highlighting his creative trajectory and the way his sculptures transform the sertão into aesthetic language, collective memory, and cultural resistance. A self-taught artist, Véio uses discarded wood as raw material, revealing hybrid characters that move between the human and the mythical. His production, born from the simplicity of the sertanejo life, has achieved national and international recognition without losing its deep connection to his roots.

The research is based on a qualitative and interpretative methodology, combining documentary analysis and aesthetic interpretation. As a primary source, the book *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* (2025), written by his daughters Julia Katiene Pereira Santos and Katiúscia Pereira Santos, is used in dialogue with selected sculptures. This articulation between word and image allows us to understand how Véio's work asserts itself as a guardian of collective memory and as an act of cultural resistance. Furthermore, the study incorporates critical perspectives from scholars, curators, and audiovisual records, situating his production both within the field of popular art and contemporary art.

The monograph is organized into three chapters. The first presents Véio's biography, his relationship with wood, and the tension between the human and the mythical in his sculptures. The second discusses different interpretations of his work and of the sertão, showing how his art is perceived in local and global contexts. The third analyzes the book *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* in dialogue with specific works, exploring how happiness, memory, and resistance intertwine in his production.

It is concluded that Véio is more than a popular artist: he is a guardian of collective memory, a creator of new languages, and a mirror of his community. His art, by transforming remnants into symbols, reaffirms that the sertão is not merely a space of scarcity, but a fertile territory of imagination and cultural dignity.

Keywords: Véio; Sertão; Collective memory; Cultural resistance; Wood; Popular art.

Sumário

Introdução	9
1. Raízes e caminhos de Véio	11
1.1 Biografia.....	11
1.2 A madeira como destino criativo.....	12
1.3 Entre o Humano e o Mítico.....	14
1.4 Reconhecimento além do sertão.....	15
1.5 Guardião da memória coletiva	17
2. Olhares sobre Véio e o Sertão.....	19
2.1 O sertão como linguagem estética.....	19
2.2 Como as pessoas veem Véio.....	21
2.3 Entre tradições e contemporaneidades.....	23
2.4 Autores e interpretações críticas.....	24
2.5 O artista como espelho coletivo.....	27
3. Análise da obra: <i>Bonecos de pau: a felicidade de Véio (2025)</i>	29
3.1 A palavra de Véio no livro.....	29
3.2 Obras escolhidas: diálogo entre palavra e imagem.....	30
3.2.1 Cera de abelha.....	31
3.2.2 Tristeza.....	32
3.2.3 Festa de casamento.....	33
3.2.4 Zumbido.....	34

3.2.5 O fim antes do fim.....	36
3.3 Felicidade, memória e resistência.....	38
Considerações finais.....	39
BIBLIOGRAFIA.....	41

Introdução

O sertão brasileiro, historicamente marcado pela escassez e pela dureza da vida cotidiana, é também território de criação simbólica, memória coletiva e resistência cultural. Nesse espaço, onde realidade e imaginação se entrelaçam, emerge a obra de Cícero Alves dos Santos, conhecido como Véio, artista popular sergipano cuja trajetória se confunde com a história de sua comunidade. Autodidata, Véio transforma troncos descartados em esculturas que evocam tanto o humano quanto o mítico, traduzindo em formas concretas a experiência sertaneja e revelando que a arte pode nascer daquilo que parecia resto ou silêncio.

O olhar local é indispensável para compreender sua produção, Véio não se distancia de sua comunidade, mas a incorpora em sua prática artística. Suas esculturas são testemunhos de histórias contadas à beira do fogo, de crenças religiosas, de memórias familiares e de narrativas coletivas que atravessam gerações. Ao mesmo tempo, sua obra dialoga com a história da arte, pois, embora enraizada na cultura popular, alcança reconhecimento em espaços institucionais e museológicos, mostrando que o sertão pode ser visto como linguagem estética universal.

A metodologia adotada nesta pesquisa combina análise documental e interpretação estética. Como fonte primária, utiliza-se o livro *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* (2025), escrito por suas filhas Julia Katiene Pereira Santos e Katiuscia Pereira Santos, que reúne narrativas e reflexões do artista, funcionando como registro legítimo de sua voz e de sua visão sobre a arte e o sertão. Esse material é confrontado com a análise de esculturas selecionadas, permitindo que palavra e imagem se confirmem mutuamente. Além disso, a pesquisa dialoga com interpretações críticas de estudiosos e curadores, que ajudam a situar a obra de Véio no campo da arte popular e contemporânea. O método, portanto, é qualitativo e interpretativo, buscando compreender como a produção de Véio articula memória, resistência e identidade cultural.

O percurso da monografia organiza-se em três capítulos principais. O primeiro apresenta a biografia de Véio e sua trajetória artística, destacando a madeira como destino criativo e a tensão entre humano e mítico em suas esculturas. O segundo discute diferentes olhares sobre sua obra e sobre o sertão, reunindo interpretações críticas e registros audiovisuais que ampliam a compreensão de sua produção. O terceiro, por fim, analisa o livro

Bonecos de pau: a felicidade de Véio em diálogo com obras selecionadas, explorando como palavra e imagem se entrelaçam na construção de uma narrativa sobre felicidade, memória e resistência.

Este trabalho, portanto, não se limita a descrever esculturas ou a narrar a trajetória de um artista. Ele busca compreender como a arte de Véio se afirma como guardião da memória coletiva e como gesto de resistência cultural, revelando que o sertão, com toda sua dureza e imaginação, é capaz de dialogar com o mundo sem perder suas raízes. Ao unir olhar local, memória coletiva e história da arte, a pesquisa evidencia que Véio é guardião e criador, cuja obra se sustenta tanto pela preservação das tradições quanto pela invenção de novas linguagens.

1. Raízes e caminhos de Véio

1.1 Biografia



Cícero Alves dos Santos - Véio

Disponível em: <https://www.clicksergipe.com.br/entretenimento/23/95102/cicero-alves-dos-santos.-o-veio---madeirodegrife.html> Acesso em: 14 mai. 2026.

Cícero Alves dos Santos, conhecido como Véio, nasceu no ano de 1947, na cidade de Nossa Senhora da Glória, localizada no interior do Estado de Sergipe, tendo crescido em meio às paisagens áridas e às histórias que circulavam entre a comunidade. Desde cedo, sua vida foi marcada pela simplicidade do cotidiano sertanejo e pela convivência com tradições populares que moldaram sua sensibilidade artística.

O apelido “Véio” surgiu de forma espontânea, dado pelos moradores da cidade. Ainda jovem, Cícero já demonstrava uma postura madura, séria, observadora e adorava ouvir histórias das pessoas mais antigas, características que faziam com que fosse visto como alguém “mais velho” do que sua idade indicava. Com o tempo, o apelido se consolidou e passou a ser usado carinhosamente pela comunidade, tornando-se parte inseparável de sua

identidade artística. Hoje, “Véio” não é apenas um nome, mas um símbolo que traduz sua ligação artística com o povo e com o sertão.

Autodidata, nunca frequentou escolas de arte formais, sua formação se deu na prática, recolhendo pedaços de madeira descartados e os transformando em esculturas que revelam personagens híbridos, entre o humano e o mítico. Essa escolha pela madeira reaproveitada não foi apenas estética, mas também fruto da realidade sertaneja, onde a escassez de recursos exige criatividade e reinvenção.

Ao longo dos anos, sua obra ultrapassou os limites regionais, sendo reconhecida em exposições nacionais e internacionais, mas sem perder o vínculo profundo com suas raízes sertanejas. No ano de 2024, o artista plástico recebeu a maior honraria concedida pelas universidades, o título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), na sua cidade natal.



Título de Doutor Honoris Causa - 2024

Disponível em: <https://www.ufs.br/conteudo/73957>. Acesso em: 14 mai. 2026.

Assim, a trajetória de Véio mostra que sua arte nasce da vivência e da experiência de quem cresceu no sertão, enfrentou suas adversidades e reinventou a madeira como linguagem simbólica. Sua biografia revela não apenas o percurso de um artista, mas também a história de um povo que resiste e cria mundos a partir da própria realidade.

1.2 A madeira como destino criativo

A madeira sempre esteve presente na vida de Véio, não apenas como matéria-prima, mas como símbolo de resistência e memória. Desde cedo, ele percebeu que os troncos, raízes e galhos descartados carregavam histórias próprias: marcas do tempo, cicatrizes da natureza e formas que já sugerem personagens escondidos. Sendo assim, ao recolher esses pedaços, que para muitos não tinham utilidade, Véio lhes ofereceu uma nova vida, transformando o que era resto em arte.

Logo, o artista se voltou para aquilo que estava disponível, próximo e familiar. A madeira morta se tornou sua aliada, permitindo que sua imaginação se materializasse em esculturas humanoides, híbridas e cheias de expressão.

Nesse processo, Véio desenvolveu uma sensibilidade especial para distinguir o que chama de tronco aberto e tronco fechado. O tronco aberto é aquele que já revela, em suas curvas e fendas, uma figura latente, um rosto, um gesto, um corpo escondido, é como se a madeira estivesse pronta para ser revelada, bastando ao artista retirar o excesso e deixar surgir o personagem que já habitava ali.

É nesse conjunto de obras de “troncos abertos” que se manifesta seu projeto orientado por um horizonte utópico: o de resgatar um sertão que desafia os processos de homogeneização promovidos pelo capitalismo. Ao rememorar tradições ameaçadas de desaparecimento, Véio propõe uma visão alternativa de mundo, sustentada por laços comunitários, valores ancestrais e modos de vida que resistem ao apagamento. Suas esculturas não apenas documentam esse universo, mas o reafirmam simbolicamente como solo fértil para a criação, a memória e a crítica. (MARTINS, 2025, p. 81).

O tronco fechado, por outro lado, exige mais do olhar criativo, ele não entrega de imediato uma forma, mas desafia o artista a imaginar, a projetar e a inventar. Nesse caso, Véio precisa dialogar mais intensamente com o material, impondo sua visão sem apagar a identidade da madeira.

Enquanto as obras de “troncos fechados” apresentam uma figuração que remete à fantasia, rompendo com a realidade, as de “troncos abertos” se valem de uma figuração representativa, dialogando diretamente com o real. Essa característica pode torná-las menos inovadoras enquanto imagem, mas sua narrativa ganha força, revelando sua potência ao carregar a história do sertão. (MARTINS, 2025, p. 80).

Essa distinção mostra que sua arte não é apenas técnica, Véio não força a madeira a ser algo que ela não é, ele escuta o que cada tronco tem a dizer, nos abertos, ele atua como revelador, nos fechados, como criador.

Sendo assim, o destino criativo de Véio está justamente nessa escolha, dar voz ao que parecia silencioso, cada raiz torcida, cada tronco irregular, é interpretado como corpo, rosto ou gesto. O artista não impõe uma forma à madeira, ele dialoga com ela, respeitando suas curvas naturais e deixando que o material conduza parte do processo, é como se a madeira já trouxesse dentro de si a memória do sertão, e Véio apenas revelasse o que estava escondido.

Assim, a madeira não é apenas suporte físico, mas também linguagem simbólica. Ao transformar esse material em esculturas, o artista reafirma que sua arte nasce da própria realidade do sertão, dura, marcada pelo tempo, mas cheia de possibilidades de reinvenção.

1.3 Entre o Humano e o Mítico

As esculturas do artesão são atravessadas por uma tensão constante, de um lado, o humano, com seus gestos, expressões e fragilidades, de outro, o mítico, que surge como prolongamento da imaginação popular e das narrativas que circulam no sertão. Essa dualidade faz com que suas obras nunca sejam apenas retratos, mas sim presenças que carregam tanto a vida cotidiana quanto o mistério das crenças e lendas.

O humano aparece nos detalhes, olhos que parecem observar, bocas que insinuam palavras, corpos que revelam posturas familiares. São figuras que lembram vizinhos, trabalhadores, personagens comuns da comunidade.

Já o mítico se manifesta nas deformações, nas cores intensas e nas formas que fogem da lógica natural. São seres híbridos, que parecem nascer de histórias contadas à beira do fogo, de medos ancestrais ou de sonhos coletivos.

Essa fusão não é acidental, no sertão, o real e o imaginário convivem sem fronteiras rígidas, o dia a dia é permeado por narrativas que explicam o mundo, misturando fé, tradição e fantasia. Véio traduz essa convivência em madeira, suas esculturas são ao mesmo tempo testemunho da realidade e invenção poética, ele não separa o que é vivido do que é imaginado, mas mostra que ambos fazem parte da identidade sertaneja.

Ao esculpir, Cícero age como mediador entre os dois mundos, ele revela o humano para que não se perca a memória do povo, mas também dá espaço ao mítico, para que a imaginação continue alimentando a cultura. Dito isso, suas obras não são apenas objetos artísticos, mas símbolos de uma forma de ver e sentir o sertão.

Assim, o humano e o mítico se entrelaçam em sua produção como duas faces inseparáveis. O primeiro garante a ligação com a vida concreta, o segundo amplia essa experiência, transformando em linguagem universal, ao unir essas dimensões, Véio reafirma que sua arte é, ao mesmo tempo, documento da realidade e celebração do imaginário.

1.4 Reconhecimento além do sertão

A arte de Véio nasceu no sertão sergipano, mas não ficou limitada às fronteiras da sua terra natal, o que começou como um gesto íntimo de transformar troncos e raízes descartados em grandiosas obras, que cresceu até alcançar espaços de prestígio no Brasil e fora dele. Sendo assim, esse reconhecimento mostra que sua obra, embora profundamente enraizada na cultura popular, possui uma força universal capaz de dialogar com diferentes públicos e contextos.

O caminho para esse reconhecimento não foi imediato, durante anos, o artista produziu em silêncio, no seu ritmo, sem buscar fama ou adequação a padrões externos. Foi justamente essa autenticidade que chamou a atenção de pesquisadores, curadores e instituições culturais. Suas esculturas, carregadas de memória e imaginação, passaram a ser vistas como testemunhos vivos da cultura sertaneja e, ao mesmo tempo, como obras de arte contemporânea, essa dupla dimensão, local e universal, abriu portas para exposições em grandes centros urbanos e até em outros países.

Um marco importante de sua biografia foi a criação do Sítio Soarte, também chamado de “Museu do Sertão”. Localizado entre a cidade de Nossa Senhora da Glória e o município de Feira Nova, o espaço abriga cerca de 17 mil esculturas e funciona como extensão de sua vida e obra. Mais do que um acervo, o Sítio Soarte é um território simbólico, pois, nele, Véio organiza suas criações em diálogo com a paisagem sertaneja, transformando o lugar em memória viva da cultura popular.



Sítio Soarte

Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/atracao/veio-a-imaginacao-da-madeira/> Acesso em: 14 mai. 2026.

No Brasil, suas esculturas já ocuparam lugares de destaque. A Pinacoteca de São Paulo recebeu suas obras em diálogo com produções consagradas da arte nacional, enquanto o Museu do Homem do Nordeste, em Recife, reforçou o vínculo entre sua criação e a memória coletiva da cultura popular. Mais recentemente, a CAIXA Cultural Belém apresentou a mostra “*A forma viva na arte de Véio*”, reunindo cerca de diversas esculturas e destacando sua habilidade em revelar personagens escondidos nos troncos abertos e fechados.

No cenário internacional, Véio levou o sertão para além das fronteiras, em 2014, participou da exposição comemorativa dos 30 anos da Fundação Cartier, em Paris, onde sua obra dialogou com artistas de diferentes países. No ano seguinte, esteve presente na Bienal de Veneza, na mostra “*Becoming Marni*”, realizada na Abbazia di San Gregorio, exibindo mais de cem esculturas que impressionaram pela força poética e pela originalidade. Sua presença também marcou a The Armory Show, em Nova York, uma das maiores feiras de arte contemporânea do mundo, consolidando sua posição como referência internacional.



Véo na Bienal de Veneza

Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/cultura/o-que-a-marni-e-o-artista-brasileiro-veio-tem-em-comum/> Acesso em: 16 mai.2026.

Esse percurso trouxe novas dimensões à sua vida. Véio passou a ser convidado para participar de exposições nacionais e internacionais, levando consigo não apenas suas esculturas, mas também a memória coletiva do sertão. Cada peça que viaja carrega marcas do sertão, da oralidade e da resistência cultural, assim, o reconhecimento não é apenas pessoal, é também coletivo, pois projeta o sertão como fonte de arte e imaginação.

O artista continua produzindo em Nossa Senhora da Glória cercado pela comunidade que lhe deu o apelido e que alimenta sua inspiração. Essa escolha reafirma que sua arte não busca se desligar do sertão, mas mostrar ao mundo que o sertão é capaz de gerar obras de relevância universal.

Portanto, o reconhecimento além da sua comunidade é a prova de que a arte de Véio transcende fronteiras sem perder suas raízes. Ele se tornou ponte entre o local e o global, guardando a memória de sua comunidade e, ao mesmo tempo, oferecendo ao mundo uma visão singular sobre o humano e o mítico.

1.5 Guardião da memória coletiva

Mais do que artista, Véio se tornou guardião da memória coletiva do sertão. Suas esculturas não são apenas objetos estéticos, elas funcionam como registros vivos de histórias, crenças e modos de vida que poderiam se perder com o tempo. Cada tronco esculpido guarda gestos do povo, expressões do cotidiano e símbolos que atravessam gerações, ao transformar madeira descartada em personagens híbridos, Cícero preserva não apenas a matéria, mas também a identidade cultural de sua comunidade.

O Sítio Soarte, em Nossa Senhora da Glória, é a prova concreta desse papel, ali milhares de esculturas convivem com a paisagem da Caatinga, formando um museu vivo que atrai visitantes de diferentes lugares. O espaço não é apenas um acervo, mas um território simbólico, nele, a memória coletiva do sertão encontra abrigo e se renova, cada visitante que percorre o sítio não vê apenas arte, mas também uma narrativa sobre resistência, criatividade e pertencimento.

Ser guardião da memória coletiva significa assumir a responsabilidade de manter viva a cultura popular sem aprisioná-la. Véio não congela o passado em suas obras, ele o reinventa, suas esculturas reinterpretam símbolos, atualizam tradições e mostram que a cultura sertaneja é dinâmica, capaz de se transformar sem perder sua essência. Nesse sentido, sua arte é ponte entre o que foi e o que continua sendo, entre o que se lembra e o que se cria.

Esse papel ganha ainda mais força quando suas obras viajam para exposições nacionais e internacionais, cada peça que sai do sertão leva consigo um pedaço da memória coletiva, mostrando ao mundo que o sertão não é apenas um espaço geográfico, mas também um território cultural de grande riqueza. Ao ocupar lugares como a Pinacoteca de São Paulo, a Fundação Cartier em Paris ou a Bienal de Veneza, Véio não leva apenas sua arte, leva consigo a voz de um povo, a memória de uma terra e a força de uma identidade.

Assim, Véio reafirma que guardar a memória coletiva não é tarefa de acumular lembranças, mas de mantê-las vivas e pulsantes. Sua obra é testemunho de resistência, celebração da criatividade e afirmação de que o sertão, com toda sua dureza e imaginação, é capaz de dialogar com o mundo sem perder sua raiz.

2. Olhares sobre Véio e o sertão

2.1 O sertão como linguagem estética

Normalmente, o sertão é descrito como um espaço de dureza, marcado pela seca, pela escassez e pela luta cotidiana pela sobrevivência. Mas na obra de Véio, esse território ganha outra dimensão, ele se torna linguagem estética, matéria-prima de uma arte que nasce da resistência e da imaginação.

Suas esculturas revelam que o sertão não é apenas territorial, mas também memória, invenção e símbolo. Cada tronco esculpido carrega marcas da Caatinga e da vida sertaneja, mas também abre espaço para o fantástico, para o mítico e para o poético. Dito isto, é nesse ponto que diferentes pesquisadores e críticos se aproximam de sua obra, oferecendo leituras que ajudam a compreender como o sertão se transforma em arte.

Para Ana Celma Amaral Santos em seu texto *Da cera à madeira: as representações simbólicas do artesão Véio (1980-2000)*, a produção de Véio é um patrimônio cultural. A autora observa que suas esculturas não são apenas objetos artísticos, mas registros simbólicos da vida sertaneja. Ao analisar sua obra entre 1980 e 2000, a autora mostra que Véio traduz em madeira memórias coletivas, preservando tradições e dando continuidade à identidade de um povo. Cada peça é, ao mesmo tempo, arte e documento, guardando o sertão em formas que atravessam o tempo e que permitem que a cultura popular seja vista como parte essencial da história brasileira.

Véio tira das peças brutas a sua tradução da arte nordestina sob a interpretação do cotidiano a crítica econômica, social e política da nossa gente nordestina. Através da arte Véio encontra uma forma de questionar as mazelas sociais trazidas pelo povo sofrido sertanejo, seja pelas condições climáticas do sertão, seja pela falta de políticas públicas voltadas para amenizar o sofrimento da população carente do nordeste. Nesta perspectiva a arte popular acaba desnudando uma realidade, ou seja, é a angústia humana presentes em todas as culturas. (SANTOS, 2014, p. 15).

Nesse trecho, Ana Celma Santos mostra que a arte de Véio vai além da estética, ela se torna denúncia e crítica social. Sendo assim, ao transformar troncos brutos em esculturas, o artista traduz o cotidiano nordestino e expõe as desigualdades que marcam o sertão, suas peças revelam tanto a dureza da seca e da falta de políticas públicas quanto a força de resistência de um povo que não se deixa apagar.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior amplia essa leitura ao afirmar que o sertão é uma construção cultural e simbólica, não apenas geográfica:

O sertão aparece como o lugar onde a nacionalidade se esconde, livre das influências estrangeiras. O sertão é aí muito mais um espaço substancial, emocional, do que um recorte territorial preciso; é uma imagem-força que procura conjugar elementos geográficos, linguísticos, culturais, modo de vida, bem como fatos históricos de interiorização como as bandeiras, as estradas, as mineração, a garimpagem, o cangaço, o latifúndio, o messianismo, as pequenas cidades, as secas, os êxodos etc. O sertão surge como a colagem dessas imagens, sempre vistas como exóticas, distantes da civilização litorânea. É uma ideia que remete ao interior, à alma, à essência do país, onde estariam escondidas suas raízes. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 67).

Em suas reflexões, ele mostra que o sertão é memória, invenção e imaginário coletivo. Podemos observar que as obras de Vêio confirmam essa ideia, suas esculturas não apenas representam o sertão, mas o reinventam como linguagem estética, transformando a paisagem e a cultura em arte. Durval Júnior lembra que a região do Nordeste, incluindo o sertão, é também invenção discursiva:

Existe uma realidade múltipla de vidas, histórias, práticas e costumes no que hoje chamamos de Nordeste. É o apagamento desta multiplicidade, no entanto, que permitiu se pensar nesta unidade imagético-discursiva. Por isso, o que me interessa aqui não é este Nordeste “real”, ou questionar a correspondência entre representação e realidade, mas sim a produção dessa constelação de regularidades, práticas e discursivas que institui, faz ver e possibilita dizer esta região até hoje [...] (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 79).

Carlos Augusto Calil e Agnaldo Farias, curadores da retrospectiva de Vêio no Itaú Cultural, destacam a riqueza formal de sua obra. Eles chamam atenção para a diferença entre os troncos abertos, maiores e coloridos, e os troncos fechados, menores e discretos.

As esculturas derivam de troncos abertos ou fechados. Dos fechados surgem as peças maiores com muitas pernas e sexo proeminente em cores vibrantes e puras. Nelas Vêio intervém menos; a configuração natural intervém o criador, ele parece puxar para fora o corpo até então conservado em estado de latência, adormecido, que ele percebe pronto para sair. (ITAÚ CULTURAL, 2018, p. 33-36).

Esse processo evidencia uma postura de respeito e escuta da natureza, Vêio não se coloca como criador absoluto, mas como mediador entre o que a madeira sugere e o que a arte pode revelar. Ou seja, a configuração natural guia o artista, e sua intervenção é mínima, quase como um gesto de libertação daquilo que já estava presente.

É uma arte que nasce do diálogo com a matéria, em que o sertão se manifesta não só como inspiração, mas como força criadora. As cores intensas reforçam esse caráter vital, elas não apenas decoram, mas intensificam a energia que já pulsa na forma, transformando o tronco em corpo simbólico.

Essa distinção revela como o sertão se manifesta em múltiplas linguagens dentro da arte de Véio, ora exuberante e vibrante, ora contido e silencioso, mas sempre carregado de significados. Para os curadores, essa dualidade mostra que o sertão não é homogêneo, ele pode ser explosão de cores e formas, mas também silêncio e introspecção.

Dito isto, Véio, ao esculpir, dá corpo a essa invenção, mostrando que o sertão pode ser visto como território de criação e não apenas de carência. Assim, o sertão na obra de Véio não é uma linguagem estética que articula memória, crítica e invenção cultural, revelando sua potência como arte popular e contemporânea.

2.2 Como as pessoas veem Véio

Véio não é apenas reconhecido pela força de sua criação, mas também pelo modo como sua obra é percebida fora do sertão. Críticos, curadores, instituições culturais e produções audiovisuais têm lançado diferentes olhares sobre o artista, revelando que sua arte ultrapassa fronteiras locais e dialoga com o cenário nacional e internacional. Portanto, esses registros mostram que Véio é visto como um criador singular, capaz de transformar a madeira em símbolos universais, ao mesmo tempo em que preserva a identidade nordestina. Assim, o que se diz e se escreve sobre ele ajuda a compreender como sua produção se tornou referência, não apenas como arte popular, mas como expressão estética de relevância contemporânea.

Quando a obra de Véio chega às instituições culturais, ela passa a ser observada com lentes que destacam sua força estética e sua singularidade no cenário da arte brasileira. Curadores e críticos enxergam em suas esculturas não apenas a expressão popular, mas também uma linguagem capaz de dialogar com a arte contemporânea.

Esses olhares externos ajudam a consolidar Véio como um criador que ultrapassa fronteiras regionais. Para os curadores, sua obra não se limita a representar o sertão, ela reinventa esse território como estética universal, capaz de ocupar espaços institucionais e

museológicos. Já os críticos destacam a ousadia cromática e formal de suas esculturas, apontando que, ao mesmo tempo em que preserva raízes populares, Véio rompe expectativas e insere o sertão em um diálogo mais amplo com a arte global.

Assim, a leitura dos curadores e críticos reforça que Véio não é apenas um artista popular, mas um intérprete da cultura nordestina, cuja obra se sustenta tanto pela memória quanto pela inovação.

Os documentários sobre Véio oferecem uma dimensão única de sua arte, porque permitem que o público acompanhe não apenas o resultado das esculturas, mas também o processo criativo e a relação íntima do artista com a madeira e com o sertão. Em *Véio – A Imaginação da Madeira* (2005), dirigido por Adelina Pontual, vemos o artista em seu espaço, narrando memórias e explicando como cada peça nasce de histórias e símbolos populares. Esse registro audiovisual reforça a ideia de que sua obra é inseparável da cultura sertaneja e da vida cotidiana que inspira suas criações.

Já em *Véio, Arte é Vida* (2021), dirigido por Fábio Jaciuk, o foco recai sobre sua relação com o meio ambiente e sobre a forma como troncos caídos se transformam em figuras que retratam o sertão. O documentário mostra que sua arte é também um gesto de preservação e de reinvenção, em que o que parecia descartado ganha nova vida como corpo simbólico, essa perspectiva amplia a compreensão de sua obra, revelando que Véio não apenas esculpe, mas dialoga com a natureza e com o tempo.

Os documentários sobre Véio são fundamentais para compreender como sua arte é percebida e difundida. No programa *A Arte da Emoção – O Véio – Parte 1*, o artista aparece em sua rotina criativa, revelando o modo como a madeira se transforma em emoção e memória, a câmera aproxima o espectador de sua prática, mostrando que cada escultura nasce de uma escuta atenta da matéria e de uma relação íntima com o sertão.

Esses registros audiovisuais fortalecem a imagem do artista como alguém que transcende o espaço local e se projeta para além das fronteiras regionais. Eles mostram que Véio não é apenas um escultor popular, mas um criador cuja obra é percebida como experiência estética e humana, capaz de emocionar, provocar reflexão e dialogar com diferentes públicos.

O reconhecimento de Véio também se constrói na forma como sua obra circula em espaços institucionais e na mídia. Quando suas esculturas são expostas em centros culturais e museus, elas deixam de ser apenas objetos de arte popular e passam a ocupar o lugar de patrimônio nacional. Essa legitimação institucional mostra que sua produção é vista como parte da história da arte brasileira, capaz de dialogar com diferentes públicos e de se inserir em debates contemporâneos sobre estética e identidade.

Essa presença simultânea em instituições e na mídia reforça a ideia de que Véio é visto como patrimônio vivo. Sua obra não se limita ao sertão, mas alcança espaços de visibilidade nacional, mostrando que a arte popular pode ser reconhecida como linguagem estética sofisticada e universal. Ao ocupar esse lugar, Véio se afirma como intérprete da cultura brasileira e como criador capaz de emocionar e provocar reflexão em diferentes contextos.

2.3 Entre tradição e contemporaneidade

Em algumas esculturas do artista, vemos figuras que remetem diretamente ao imaginário popular nordestino, personagens do cotidiano, animais, seres fantásticos que parecem brotar da memória coletiva. Essas peças guardam a simplicidade e a densidade simbólica da cultura sertaneja, funcionando como testemunhos de um modo de vida.



Representação de personagens do cotidiano do sertão.

Fonte: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2024/03/05/artista-plastico-veio-recebe-titulo-de-doutor-honoris-causa-da-ufs.ghtml> Acesso em: 27 mai 2026.

Por outro lado, há esculturas que surpreendem pelo uso de cores intensas e pela ousadia das formas. São obras que se aproximam da linguagem contemporânea, com volumes inesperados e gestos expressivos, essa dimensão mostra que Véio não se limita a reproduzir tradições, ele reinventa o sertão, transformando em estética universal.



Obra: O bicho que nunca vi.

Fonte: <https://galeriaestacao.com.br/pt-br/exposicao/obra/2303/59> Acesso em: 30 mai. 2026.

O contraste entre peças vibrantes e aquelas mais contidas e silenciosas revela a amplitude de sua criação. Enquanto algumas esculturas parecem gritar em cores e formas, outras se recolhem em silhuetas discretas, quase meditativas. Essa diversidade comprova que Véio não cabe em rótulos, ele é, ao mesmo tempo, guardião da memória e criador de novas linguagens.

Assim, sua obra se afirma como ponte entre o passado e o presente, ao mesmo tempo em que preserva símbolos tradicionais, Véio os reinterpreta com liberdade criativa, mostrando que o popular pode ser sofisticado e que o contemporâneo pode nascer das raízes mais profundas. Essa transição é o que torna sua arte singular, ela emociona por sua autenticidade e provoca reflexão por sua capacidade de reinventar o olhar sobre o sertão.

2.4 Autores e interpretações críticas

No campo das interpretações críticas, a obra de Véio se revela como um território fértil para múltiplos olhares. Mais do que esculturas em madeira, suas criações são compreendidas como discursos visuais que tensionam memória, política, técnica e pedagogia.

Ao transformar troncos descartados em figuras que evocam o sertão, Véio desafia a ideia de arte popular como simples reprodução de tradições, mostrando que nela há resistência, invenção e reflexão sobre o humano. Críticos e estudiosos enxergam em sua obra não apenas a preservação de símbolos culturais, mas também uma prática que dialoga com questões sociais, filosóficas e educativas.

Nesse sentido, Véio emerge como artista que ultrapassa fronteiras estéticas, sua arte é simultaneamente testemunho da identidade sertaneja, denúncia das ausências históricas, exercício de técnica e matéria, e recurso pedagógico capaz de formar consciência cultural.

A obra de Véio, ao ser analisada criticamente, revela-se como um campo de diálogo entre diferentes dimensões da cultura, da política, da técnica e da formação cultural. Cada autor que se debruça sobre sua produção ilumina aspectos distintos, mas complementares, permitindo compreender a profundidade de sua arte e a força simbólica que ela carrega.

Thales Matos Martins, em seu texto *Véio: arte, política e sertão*, amplia essa perspectiva ao destacar a dimensão política da obra. Para ele, Véio não apenas preserva símbolos do sertão, mas constrói um projeto de resistência cultural, suas esculturas denunciam ausências históricas, valorizam práticas marginalizadas e se articulam à criação do Museu do Sertão, espaço que reafirma a memória coletiva como patrimônio vivo.

Os vestígios, preservados no acervo e nas memórias de Véio, nos permitem compreender o legado cultural do sertão, ajudando-nos a reconhecer a importância de suas histórias e objetos, que são fundamentais para a construção do conhecimento sobre essa região. (MARTINS, 2025, p. 45).

Nesse sentido, Véio é guardião e inovador, sua arte é crítica social, memória e invenção estética. Thales Martins mostra que Véio não se limita ao campo da arte, mas atua como agente político e cultural, transformando sua produção em gesto de afirmação e resistência diante das desigualdades que marcam o sertão.

Ao afirmar que se tornou pesquisador e historiador, Véio reforça o caráter político de sua prática: ele não apenas cria, mas assume uma posição diante da realidade que o cerca. Sua arte é também uma forma de investigar, registrar e denunciar aquilo que foi marginalizado ou silenciado pela história oficial. O artista se reconhece como parte da cultura sertaneja e, ao mesmo tempo, como alguém que precisa atuar para preservá-la e reinterpretá-la. Nesse sentido, sua aproximação com a história do sertão é marcada por um forte comprometimento com a memória e com a palavra, considerada por ele como a principal riqueza do povo sertanejo. Dessa forma, sua atuação artística também se configura como um gesto de resistência. (MARTINS, 2025, p. 54).

Ao afirmar-se como pesquisador e historiador local, Véio reforça que sua prática artística não se limita ao campo estético, mas se inscreve como um ato político. Ele cria esculturas, mas também assume a responsabilidade de investigar e registrar aquilo que foi marginalizado pela história oficial. Nesse sentido, sua arte se torna um instrumento de denúncia e preservação, capaz de dar visibilidade a experiências e memórias silenciadas.

O reconhecimento da palavra como a principal riqueza do povo sertanejo evidencia o compromisso do artista com a tradição oral e com a memória coletiva. Assim, Véio se coloca como parte integrante da cultura sertaneja e, ao mesmo tempo, como agente que atua para reinterpretá-la e mantê-la viva. Sua produção, portanto, ultrapassa os limites da estética e se configura como gesto de resistência, reafirmando o sertão como espaço de identidade e crítica social.

Neila Dourado Gonçalves Maciel, Julia Katiene Pereira Santos e Vanessa Cavalcanti Vargas Leal, no texto *VÉIO E O MUSEU DO SERTÃO: UMA PERSPECTIVA INICIAL SOBRE O POTENCIAL CRIATIVO, A PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIAS E A REELABORAÇÃO DE SABERES POPULARES*, destacam que o Museu do Sertão, criado por Véio, é a materialização de sua postura política e preservacionista. Se, como aponta Thales Matos Martins, o artista se reconhece como pesquisador e historiador, o museu confirma essa dimensão ao reunir milhares de objetos e narrativas que dão visibilidade à memória sertaneja.

Nesse espaço, Véio organiza percursos simbólicos que dialogam diretamente com sua produção escultórica, transformando restos e fragmentos em testemunhos vivos da cultura popular. Ainda que improvisado e sem estrutura institucional, o Museu do Sertão revela a força de um projeto individual que resiste pela consciência da importância de preservar e reelaborar saberes.

O Museu do Sertão foi, e continua a ser construído pelo agrupamento de objetos que refletem uma memória coletiva, do sertanejo, mas também do indivíduo Cícero Alves dos Santos. É notório a relação simbiótica entre a coleção e as esculturas produzidas pelo artista, entre o colecionador e o escultor (MACIEL; SANTOS; LEAL, 2019, p. 4).

Assim, a análise desses autores complementa a leitura de Thales, mostrando que a arte de Véio não se limita ao campo estético, mas se inscreve como ato de resistência cultural e como prática de afirmação da identidade sertaneja.

José Vieira da Cruz e Nilton Nascimento acrescentam uma dimensão educativa e cultural. Ao proporem flashcards digitais inspirados nas esculturas de Véio, eles mostram que sua obra pode ser incorporada ao ensino de História, aproximando estudantes da cultura sertaneja e da identidade nordestina.

Nesse sentido, o trabalho artístico de Véio pode ser incorporado ao ensino de História como estratégia de aproximação entre o conteúdo escolar e as vivências dos estudantes, especialmente daqueles inseridos no contexto sertanejo. A presença de sua arte em sala de aula estimula uma aprendizagem mais significativa, ao promover o reconhecimento de referências culturais locais, muitas vezes invisibilizadas pelos livros didáticos tradicionais. Além disso, contribui para desenvolver nos alunos o senso crítico e a valorização da diversidade cultural, permitindo uma reflexão ampla sobre as mudanças e permanências históricas que marcam o Sertão. (CRUZ, NASCIMENTO, 2015, p. 12).

Essa leitura reforça que a arte de Véio não apenas emociona e provoca reflexão, mas também ensina, tornando-se ponte entre tradição e aprendizado. Portanto, os autores evidenciam que Véio é capaz de dialogar com a escola e com a academia, mostrando que sua arte é recurso formativo e instrumento de valorização da memória coletiva.

Em conjunto, essas interpretações revelam que Véio não cabe em rótulos. Ele é guardião da memória, criador de novas linguagens, crítico social e educador cultural. Suas obras se afirmam como território de encontro entre raízes e inovação, entre o sertão e o mundo, entre tradição e contemporaneidade. Ao reunir leituras, podemos perceber que Véio é um artista plural, cuja obra transcende fronteiras e se torna símbolo de resistência, invenção e formação cultural.

2.5 O artista como espelho coletivo

A obra de Véio não pode ser compreendida apenas como resultado de uma inspiração individual ou de um talento autodidata. Ela se constrói como reflexo de uma coletividade, funcionando como espelho das histórias, memórias e imaginários que compõem a vida sertaneja.

Esse espelhamento coletivo se manifesta em diferentes dimensões. Nas esculturas, Véio traduz a oralidade e os casos que ouviu desde criança, dando forma material às histórias que circulam na memória popular. No Museu do Sertão, ele organiza objetos, ferramentas, fotografias e símbolos religiosos em percursos narrativos que revelam a complexidade da cultura sertaneja.

O artista não apenas cria, mas recolhe, preserva e reinterpreta, atuando como mediador entre passado e presente. Sua prática é, portanto, uma forma de escuta e de devolução, escuta das vozes de sua comunidade e devolução em forma de arte que reafirma a dignidade dessas memórias.

Ao assumir esse papel, Véio se torna guardião e intérprete da cultura sertaneja, ele não fala apenas de si, mas de um povo inteiro, refletindo suas dores, crenças, resistências e esperanças. Sua obra revela que o sertão é feito de múltiplas temporalidades, o tempo da natureza, o tempo da memória e o tempo da criação artística e que essas dimensões se entrelaçam em cada peça. O artista, nesse sentido, é espelho coletivo porque devolve ao seu povo a consciência de que suas histórias e práticas são parte fundamental da cultura brasileira.

Portanto, mais do que criador, Véio é agente político e cultural, sua arte confronta apagamentos históricos, denuncia a falta de reconhecimento institucional e reafirma a potência simbólica do sertão. Ao mesmo tempo, ela propõe uma estética crítica, capaz de transformar restos em significados e de revelar que o que é considerado marginal pode se tornar central.

Assim, compreender Véio como espelho coletivo é reconhecer que sua obra ultrapassa os limites da estética e se inscreve como prática de resistência e afirmação cultural. Ele cria mundos, mas sobretudo devolve ao sertão sua própria imagem, reafirmando que a arte pode ser, ao mesmo tempo, memória, denúncia e resistência.

3. Análise da obra *Bonecos de pau: A felicidade de Véio* (2025)

3.1 A palavra de Véio no livro

Bonecos de pau: a felicidade de Véio, escrito pelas filhas do artista plástico Julia Katiene Pereira Santos e Katiuscia Pereira Santos, constrói uma narrativa que aproxima o leitor da vida e da obra do artista, revelando sua trajetória de forma íntima. Ao longo das páginas, Véio aparece como alguém que se confunde com as próprias histórias que coleciona e recria, mostrando que sua existência e sua arte caminham lado a lado.

A narrativa mistura realidade e fantasia, como se o artista fosse personagem de um sertão que não se limita ao espaço físico, mas se expande em imaginação e memória. O menino que cresceu ouvindo histórias no interior sergipano é o mesmo homem que transforma troncos descartados em esculturas que guardam gestos, crenças e símbolos coletivos. Dito isso, essa fusão entre vida e criação revela que sua obra não pode ser dissociada de sua experiência, cada peça é também um fragmento de sua própria história.

O título do livro, *a felicidade de Véio*, abre uma dimensão crítica e humana, em meio às adversidades do sertão, a arte surge como fonte de alegria e realização para o artista. Essa felicidade se manifesta na capacidade de reinventar o mundo a partir do que parecia perdido, de dar vida ao que estava esquecido, de transformar dureza em celebração. Criar, para Véio, é um ato de resistência, mas também de esperança, um modo de afirmar que o sertão é lugar de invenção e de vida pulsante.

Ao trazer a voz do artista mediada pelas filhas, o livro funciona como testemunho íntimo, ele não se limita a registrar fatos biográficos, mas revela sentimentos, visões e modos de pensar que dificilmente seriam captados em análises externas. É como se o leitor tivesse acesso a Véio em primeira pessoa, ainda que filtrado pelo olhar de quem conviveu com ele desde sempre. Portanto, essa dimensão íntima reforça sua posição como espelho coletivo, sua vida e sua obra refletem não apenas sua própria experiência, mas também a memória e o imaginário de sertão.

Dessa forma, a obra é, portanto, peça fundamental para compreender Véio em sua totalidade. Ele não aparece apenas como escultor reconhecido em exposições, mas como homem que encontra felicidade na madeira, que vê nos troncos descartados a possibilidade de

reinventar o sertão e de celebrar a existência. O livro confirma que sua arte é inseparável de sua vida, e que ambas se sustentam na mesma força, transformando o cotidiano em linguagem estética, memória viva e celebração da cultura sertaneja.

3.2 Obras escolhidas: diálogo entre palavra e imagem

As esculturas inéditas reunidas em *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* constituem um núcleo fundamental para compreender a dimensão estética e simbólica da obra do artista. Portanto, essas peças não funcionam como simples ilustrações, mas como traduções visuais da memória e da imaginação que estruturam sua trajetória. Cada escultura corresponde a uma etapa da vida de Véio, revelando valores humanos e sociais que atravessam sua produção: resiliência, aridez, velhice e, sobretudo, felicidade.

A escolha de algumas dessas obras para análise neste capítulo tem como objetivo aprofundar a leitura crítica da relação entre palavra e imagem. Ao descrever e interpretar esculturas específicas, em paralelo a trechos do livro, torna-se possível perceber como Véio traduz em madeira aquilo que o texto narra em palavras. Essa aproximação revela não apenas a coerência interna de sua produção, mas também a potência de sua arte como espelho coletivo, capaz de guardar e reinventar memórias.

Assim, o estudo das esculturas inéditas de *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* não se limita a uma apreciação estética, ele se insere em uma perspectiva mais ampla, que busca compreender como a obra de Véio articula resistência, celebração, dureza, esperança, memória e invenção. Ao lado da narrativa escrita, as esculturas confirmam que a felicidade de Véio é inseparável de sua capacidade de transformar restos em significados, e de reinventar o sertão como espaço de vida e imaginação.

3.2.1 Cera de abelha



Peças em cera de abelha, 1961.
Fonte: Bonecos de Pau: A felicidade de Véio

A obra ocupa um lugar inaugural na trajetória de Véio. Esculpida em cera de abelha, ela marca o início de sua prática artística e revela a forma como o artista compreende sua própria criação: como um ato mágico, um dom divino. Para Véio, a magia não está apenas na transformação da matéria, mas na crença de que sua habilidade é presente de Deus, uma força que lhe permite dar vida ao que parecia inerte.

Essa percepção aproxima a escultura da experiência sertaneja, em que fé e encantamento se entrelaçam no cotidiano. O sertão é território em que o religioso e o mágico convivem sem fronteiras rígidas: rezas, promessas e narrativas populares circulam como parte da vida comunitária. Ao escolher a cera de abelha, material orgânico e maleável, Véio traduz essa religiosidade híbrida em forma concreta, inaugurando um percurso artístico que sempre esteve ligado à espiritualidade.

No livro *Bonecos de pau: a felicidade de Véio*, essa dimensão aparece como memória afetiva e como chave interpretativa da obra. A escultura não é apenas o primeiro gesto criador, mas também a afirmação de que sua arte nasce de uma experiência de fé. A “mágica” que Véio reconhece em sua prática é, ao mesmo tempo, metáfora e realidade, metáfora porque traduz o encantamento diante da criação, realidade porque expressa a convicção de que sua habilidade é graça divina.

Assim, a obra citada acima inaugura a relação entre palavra e obra que este capítulo busca explorar. Ela mostra que a felicidade de Véio está ligada à crença de que criar é participar de um mistério maior, em que o sertão se torna espaço de espiritualidade e imaginação. A escultura confirma que sua arte é inseparável da fê, e que a religiosidade mágica é parte essencial da identidade coletiva que ele preserva e reinventa.

3.2.2 Tristeza

A escultura *Tristeza* marca o início da relação de Véio com a madeira, material que se tornaria inseparável de sua trajetória artística. Ao escolher como tema um casal que perdeu sua vaca, o artista revela desde cedo sua sensibilidade em captar o drama cotidiano do sertão e transformá-lo em linguagem estética.



Tristeza

Fonte: Bonecos de Pau: A felicidade de Véio

No sertão, a perda de uma vaca não é apenas a ausência de um animal, é a perda de sustento, de alimento e de força de trabalho, o animal representa segurança e continuidade da vida, sua morte ou desaparecimento significa ruptura, fragilidade e dor coletiva. Ao esculpir esse episódio, Véio não retrata apenas um casal específico, mas traduz a experiência de muitos sertanejos que enfrentam a seca e a escassez como parte de sua realidade.

O livro *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* apresenta essa obra como marco inaugural de sua produção em madeira. O gesto de transformar troncos descartados em narrativa visual já anuncia a essência de sua arte: dar forma à memória e à resistência do sertão.

A escolha da madeira como suporte é significativa. Diferente da cera de abelha, usada em suas primeiras experiências artísticas, a madeira traz peso, solidez e permanência. Ao trabalhar esse material, Véio inaugura uma prática que se tornaria sua marca, reinventar restos e troncos em símbolos de memória coletiva. A escultura mostra que, desde o início, sua arte não buscava apenas beleza, mas sentido que nasce da dor e da resistência.

Assim, *Tristeza* é mais do que a primeira obra em madeira. É um retrato da vulnerabilidade humana diante da perda, uma narrativa visual que traduz a dor em memória, e uma afirmação de que a arte pode transformar sofrimento em testemunho coletivo.

3.2.3 Festa de casamento



Festa de casamento
Fontes: Bonecos de Pau: A felicidade de Véio

A escultura *Festa de casamento* traz para a obra de Véio uma dimensão autobiográfica delicada: o seu próprio casamento. Diferente das representações coletivas de alegria que normalmente associamos às festas de casamento, aqui o artista ressalta a ambiguidade de um momento que deveria simbolizar celebração, mas que foi vivido sob o signo da conformidade.

O casamento, segundo o relato presente no livro, não nasceu da certeza plena da relação, mas da necessidade de seguir um caminho esperado, ditado pelas circunstâncias e pelas tradições.

Essa ambiguidade é fundamental para compreender a obra. Ao transformar em escultura a memória de seu casamento, Véio não idealiza o acontecimento, mas o apresenta em sua complexidade, um rito social que, ao mesmo tempo em que marca a vida de um indivíduo, pode carregar dúvidas, tensões e fragilidades. A festa, que culturalmente é símbolo de alegria e união, aparece aqui como espaço de incerteza, revelando que nem sempre os ritos coletivos coincidem com os sentimentos pessoais.

No sertão, o casamento é um marco importante, muitas vezes atravessado por expectativas familiares e sociais. A obra de Véio mostra que esse rito pode ser vivido como obrigação, como conformidade diante das pressões externas, e não necessariamente como escolha plena. Ao esculpir esse episódio, o artista revela sua coragem em expor a dimensão íntima de sua vida, transformando em arte uma experiência que não foi apenas celebração, mas também questionamento.

O livro *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* reforça essa leitura ao narrar o casamento como momento de dúvida e de relação instável. A escultura, ao lado da palavra, confirma que a felicidade de Véio não é construída apenas em momentos de festa, mas também na capacidade de transformar experiências ambíguas em memória estética.

Assim, *Festa de casamento* amplia a compreensão da obra de Véio ao mostrar que sua arte não se limita a registrar o coletivo, mas também expõe sua própria vida em suas contradições. A escultura revela que o sertão é feito de celebrações, mas também de conformidades, e que a felicidade pode coexistir com a dúvida. Ao trazer sua experiência pessoal para a arte, Véio reafirma que sua obra é inseparável de sua trajetória, e que cada peça é também um fragmento de sua própria história.

3.2.4 Zumbido



Zumbido
Fonte: Bonecos de Pau: a felicidade de Véio

A escultura *Zumbido* ganha uma dimensão narrativa única dentro de *Bonecos de pau: a felicidade de Véio*. Ao longo do livro, o artista dialoga com um cuidador apelidado “Zumbido”, figura atrevida e respondona, que parece ser o interlocutor privilegiado de suas memórias. É para esse homem que Véio conta suas histórias, suas lembranças e suas reflexões sobre o sertão. No entanto, o desfecho revela algo surpreendente, o cuidador nunca existiu, ele era fruto da imaginação do artista, uma projeção de si mesmo quando jovem.

Essa revelação transforma a leitura da obra, o “Zumbido” não é apenas personagem, mas metáfora da própria interioridade de Véio. A escultura, ao assumir esse nome, traduz em madeira a presença constante de uma voz interna, de um diálogo consigo mesmo que acompanha sua trajetória.

Portanto, ao criar essa obra, Véio mostra que sua arte não se limita a registrar o externo, mas também dá forma ao interno, ao invisível, ao diálogo íntimo que sustenta sua criação. O cuidador imaginário é, na verdade, a juventude do próprio artista, lembrança viva que retorna para confrontá-lo e acompanhá-lo.

O livro reforça essa leitura ao revelar que toda a narrativa dirigida ao “Zumbido” era, na verdade, uma conversa consigo mesmo. A escultura, portanto, não é apenas representação de um personagem, mas afirmação de que a arte pode dar corpo às vozes internas, às memórias que insistem em permanecer. *Zumbido* é testemunho da capacidade de Véio de transformar sua própria interioridade em linguagem estética, mostrando que o sertão não está apenas fora, mas também dentro de cada indivíduo que o vive.

3.2.5 O fim antes do fim



O fim antes do fim
Fonte: Bonecos de Pau: a felicidade de Vêio

A escultura *O fim antes do fim* é uma das mais densas e significativas da produção de Vêio. Nela, o artista traduz em madeira a experiência da velhice, marcada pela consciência da finitude e pela tristeza que acompanha o corpo e a memória quando o tempo avança. Ao longo do livro *Bonecos de pau: a felicidade de Vêio*, essa dimensão aparece de forma recorrente: a velhice é narrada não como celebração, mas como peso, como etapa em que a vitalidade se esvai e a solidão se torna mais presente.

O título da obra já anuncia sua força simbólica. “O fim antes do fim” sugere que a velhice é percebida como antecipação da morte, como momento em que a vida se prolonga, mas já carrega em si a sensação de encerramento. Vêio, ao esculpir essa experiência, não idealiza a velhice, ele a apresenta em sua dureza, como realidade que traz tristeza e fragilidade. A escultura se torna, assim, testemunho da consciência do tempo, da inevitabilidade da perda e da proximidade do fim.

O livro reforça essa leitura ao narrar a tristeza da velhice como parte inseparável da trajetória do artista. Não há romantização, há consciência de que envelhecer é também perder, é sentir o corpo se tornar limite, é viver o fim antes do fim. A escultura, ao lado da palavra, confirma que a felicidade de Véio não é ausência de dor, mas capacidade de transformar até mesmo a finitude em narrativa estética.

Assim, *O fim antes do fim* encerra este conjunto de análises com força simbólica. Ela mostra que a obra de Véio não se limita a celebrar a vida, mas também enfrenta a morte e a velhice como parte inseparável da existência. Ao transformar sua própria percepção em escultura, o artista reafirma que sua arte é memória, resistência e testemunho. O sertão, nesse caso, aparece como espaço em que a velhice é dura, mas também como território em que a arte pode reinventar até mesmo o fim, dando-lhe forma e significado

3.3 Felicidade, memória e resistência

A análise das esculturas de Véio em diálogo com o livro *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* permite compreender que a noção de felicidade, presente já no título da obra, não se reduz a uma ideia simplista de contentamento, ao contrário, ela se apresenta como categoria complexa, atravessada pela memória e pela resistência cultural. A felicidade de Véio é inseparável da dureza do sertão, da perda, da religiosidade e da consciência da finitude, é justamente nesse entrelaçamento que reside sua força, transformar dor em narrativa estética e memória em testemunho coletivo.

Dito isso, a resistência cultural emerge como consequência direta dessa prática, ao dar forma às dores e às esperanças sertanejas, Véio preserva tradições que poderiam ser apagadas pelo tempo ou pela indiferença. Sua arte insiste em afirmar a dignidade de um território marcado pela escassez, mas também pela criatividade e pela fé.

Dessa forma, o capítulo evidencia que palavra e imagem se confirmam mutuamente, o livro escrito pelas filhas, traduz em narrativa a voz do artista e as esculturas materializam essa voz em formas concretas. Juntos, texto e obra revelam Véio como criador, guardião e espelho coletivo, sua arte é memória, resistência e celebração nesse entrelaçamento que se encontra a felicidade que dá título ao livro e sentido à sua trajetória.

Considerações finais

Ao longo desta monografia, buscou-se compreender a obra de Cícero Alves dos Santos, o Véio, como expressão estética e cultural que nasce do sertão e se projeta para além dele. A análise mostrou que suas esculturas não são apenas objetos artísticos, mas registros vivos de uma memória coletiva que insiste em permanecer, a madeira, matéria-prima de sua criação, é símbolo de resistência e de reinvenção.

O diálogo entre o livro *Bonecos de pau: a felicidade de Véio* e as esculturas selecionadas dentro da obra, revelou que palavra e imagem se confirmam mutuamente. O texto, escrito pelas filhas, traduz em narrativa a voz do artista e sua visão sobre o sertão e as esculturas materializam essa voz em formas concretas, revelando personagens híbridos que transitam entre o humano e o mítico. Essa articulação metodológica permitiu compreender que a felicidade de Véio não é ingênua, mas resultado da capacidade de reinventar a dor em esperança, a escassez em criação e a finitude em permanência.

O olhar local foi decisivo para situar sua obra como parte da identidade cultural nordestina. Véio não se distancia de sua comunidade, mas a incorpora em sua prática, tornando-se guardião da memória coletiva. Ao mesmo tempo, sua arte dialoga com a história da arte em escala mais ampla, ocupando espaços institucionais e museológicos e mostrando que o sertão pode ser visto como linguagem estética universal.

Do ponto de vista metodológico, a escolha de trabalhar com o livro como fonte e com esculturas específicas garantiu consistência à pesquisa. Essa abordagem qualitativa e interpretativa permitiu cruzar narrativas literárias e visuais, revelando como a obra de Véio articula memória, resistência e identidade cultural. O método mostrou-se eficaz para compreender não apenas a estética das esculturas, mas também o sentido que elas carregam como testemunhos de uma cultura que resiste ao apagamento.

Conclui-se, portanto, que Véio é mais do que um artista popular: é criador, guardião e espelho coletivo. Sua arte é memória viva, resistência cultural e celebração da imaginação sertaneja. Ao transformar madeira em símbolos, ele reafirma que o sertão, com toda sua dureza e beleza, é capaz de dialogar com o mundo sem perder suas raízes. Sua obra, ao mesmo tempo íntima e universal, mostra que a felicidade pode ser entendida como ato de

resistência, como escolha de transformar a adversidade em criação e de afirmar a dignidade de um povo.

Assim, esta monografia contribui para o reconhecimento da arte de Véio como patrimônio cultural e como linguagem estética que ultrapassa fronteiras. Mais do que registrar a trajetória de um artista, o trabalho evidencia que sua produção é testemunho de um sertão que não se deixa reduzir à escassez, mas que se afirma como território fértil de memória, imaginação e resistência.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CALIL, Carlos Augusto; FARIAS, Agnaldo. **Véio — A Imaginação da Madeira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Catálogo de exposição, 15 mar. 2018 – 13 mai. 2018. Itaú Cultural.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CRUZ, José Vieira da; NASCIMENTO, Nilton César Dias. **Um flashcard inspirado no Sertão de Véio: ensino de história, cultura popular e o uso de dispositivos eletrônicos**. In: 33º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Belo Horizonte. ANPUH, 2025.

FROTA, Lélia Coelho. **Arte popular brasileira**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Memória, história, testemunho**. In: Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MARTINS, Thales Matos. **Véio: arte, política e sertão**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

PEDROSA, Mário. **Arte culta e arte popular**. In: Arte. Ensaios: Mário Pedrosa. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PEREIRA, Amanda Reis Tavares (Org.). **Arte popular: modos de usar**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake: Editora WMF Martins Fontes, 2025.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Ana Celma Amaral. **Da cera à madeira: as representações simbólicas do artesão Véio (1980-2000)**. In: IV CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA & ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2014.

SANTOS, Julia Katiene Pereira; SANTOS, Katiuscia Pereira. **Bonecos de pau: a felicidade de Véio**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2025.

SCHAMA, Simon. **O poder da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SYLVESTER, David. **Sobre arte moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TUCKER, William. **A linguagem da escultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.